



MANOEL NETO, DIGÃO DUARTE E O MUSIN

A música tem capacidade de antecipar ondas estéticas e mudanças sociais. Manoel Neto, citando Jaques Atalli

Para obter informações de Manoel Neto — esta enciclopédia da cena curitibana e da indústria cultural —, solicitei uma entrevista e fui prontamente atendido na sede do MUSIN — Museu da Música Independente, localizada no 16º andar da Galeria Tijuca. Das três horas de entrevista, na primeira precisei fazer apenas três ou quatro perguntas, duas delas perfeitamente dispensáveis — coisas como ‘em que ano você nasceu’ e outra qualquer. Fora isso, foi um fluxo ininterrupto de informação, cujos principais trechos estão neste capítulo e espalhados ao longo desta obra.

O ativismo cultural e político de Manoel José de Souza Neto vem desde o início dos 1990. Alternando atuação em entes públicos, pesquisa e produção artística, em todos esses anos Manoel lançou músicas de mais de cem bandas, entre álbuns individuais e coletivos. Participou de órgãos de gestão cultural e da elaboração de várias leis referentes à cultura. Além de coordenar diversas pesquisas histórico-culturais. Questionado como se autodefine, ele explicou que atua como produtor, o que inclui a agitação cultural. “O agitador está mais preocupado com o resultado social do que comercial. Pesquisador e agitador pra mim é a mesma coisa, meu ativismo está ligado não a uma ideologia, porque muitas vezes eu lido com grupos sociais dos quais não participo”.

Atualmente Manoel Neto elabora um livro sobre as pistas de dança de Curitiba dos últimos 40 anos, um catálogo geral dos discos gravados no Paraná e uma obra sobre a história do Circus Bar. Além de um manual de produção cultural e de eventos, um trabalho sobre o direito autoral brasileiro que já tem mais de mil páginas e vários outros projetos.

Na produção artística, Manoel Neto conta há anos com a valiosa parceria do jornalista Rodrigo Juste Duarte, mais conhecido como Digão. Eles promoveram juntos vários mutirões de divulgação — a galera sentada no chão do MUSIN separando K7s, CDs e fanzines, preenchendo envelopes com o

endereço dos jornais e produtoras de todo o país (jovens, naquele tempo não havia a moleza da internet). Depois vieram a produção de coletâneas coletivas, o programa Garagem 96 e muito mais. “Digão teve um papel fundamental na cena. Ele era o fanzineiro que escrevia cartas pro Brasil inteiro, me ajudou a montar um mapa nacional com todos os fanzines, programas de rádio etc. Entre *demos*, coletâneas e CDs individuais, nós distribuímos cinco mil cópias, mandando pelos Correios ou entregando pessoalmente”. A empreitada rendeu bons resultados, incluindo matérias na *Bizz*, na *Rock Brigade* e nas páginas culturais de grandes e médios jornais de todo o país. Hoje em dia, Manoel Neto e Digão Duarte têm uma empresa de produção cultural, que também oferece consultoria e palestras.

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

No começo dos anos noventa, Manoel Neto organizava festas, a maioria delas com shows ao vivo. Depois, com o auxílio de Digão, vieram centenas de shows de bandas locais, nacionais e europeias, principalmente no Circus Bar. “Foram dez anos de shows memoráveis”. É claro que houve efeitos colaterais. “Me acusavam de ter uma panela, mas eu trabalhava com 150 bandas. Que panela é essa (risos)? Cada uma era de uma turma e ninguém se dava bem”.

Manoel Neto destaca que muita coisa foi feita “porque se formou uma rede de colaboradores, pessoas boas, preocupadas de verdade com o cenário. Porque é só com essa soma que dá resultado. O Abonico Smith, o Cyro Ridal, Franzini, Digão e eu, o Guto Diaz do Circus, o JR Ferreira, o Lino e outros se ajudavam. A gente ajudava o Prêmio Fun. Era um vínculo espiritual de pessoas que tinham o mesmo objetivo”.

Instigado a destacar algumas bandas curitibanas, ele respondeu:

Sempre gostei muito dessas bandas que partiam para uma fusão com uma coisa brasileira, porque elas estavam percebendo que não dava só pra ficar olhando pra fora. Você tem que pegar o de fora e deglutir, como Oswald de Andrade propõe no Manifesto Antropofágico. Por exemplo, o Boi Mamão e a Ziriguidun Pfóin. A Ziriguidun era a banda do pessoal de Letras e Filosofia da UFPR, super de esquerda. Eles faziam uma coisa brasileira com cara curitibana, que falava dos bairros de Curitiba, tinha um



texto mais politizado e fusão de funk com hardcore. Tocavam no mesmo circuito que o Boi Mamão, o Pogoboll, o Resist. No Woyzeck tinha aquela coisa da fala rápida, uma embolada, que não é característica daqui. Curitibano fala lento e marcado, era o medo do imigrante de falar errado. A essa coisa brasileira o Woyzeck misturava David Bowie, riffs do Sonic Youth e batida eletrônica. Eram supercriativos. O Boi Mamão nem precisa dizer, estava num outro patamar, foi o ápice da coisa. Eles tinham uma criatividade que os colocava num nível mundial do underground. Porque a gente pode falar muito bem do Epidemic, da Shades Before Dawn, do Primal e outras bandas de metal que passaram a envolver uma pegada meio funk ou grunge.

E quanto ao saldo do trabalho realizado:

Pra maioria da galera do período deu muita merda pessoal. Principalmente pros produtores e divulgadores, que eram mais empenhados em fazer a coisa. Todo mundo saiu muito frustrado dessa história e ao mesmo tempo feliz. Porque daí tem uma percepção de realização. Éramos vários produtores e agitadores, e a gente fez uma escola, uma linha de montagem a la Detroit, que ensinou às pessoas o caminho da independência. E aí vieram as ferramentas da internet que proporcionaram isso. Hoje Curitiba tem 50 artistas e grupos se dando bem no mundo, bem cotados em seus segmentos.

Foi um aprendizado local do processo, um aprendizado coletivo. O que o Fabio Elias aprendeu com a gente na época em que a Relespública tinha uma puta moral e não sabia como se produzir, com certeza ele contou pra outros músicos. O que o pessoal do Blindagem teve de experiência eles ensinaram pras bandas de rock, que passaram pra outras. Isso é um processo, a gente tá na mesma comunidade. Então hoje Curitiba tem uma experiência de cena alternativa que não depende de gravadora. A gente aprendeu ao se dar mal com gravadora e teve que aprender a fazer pelas nossas vias. Essa turma aí aprendeu a gravar mais barato, aprendeu a se difundir melhor. O primeiro grande aprendizado de difusão da cena, quem aprendeu e criou estratégias, foi o Abonico Smith, o Digão e eu. Como fazer isso dar

mídia. Criar seção de cartas e gerar polêmica. Fazer resenha de show e de disco, agenda cultural e entrevista. Mandar isso pra fora, mandar material das bandas pro Brasil inteiro. Isso tudo deu um impacto muito bacana. As matérias que fizemos para as bandas indie geraram um espaço pra essa cena que justificou um público para um bar que é o Cabaret. Do Cabaret surgiram três ou quatro bares e deu no James. Potencializou o indie rock como cenário. E outros cenários, como a Barulho Records fez pro hardcore. Fora outras iniciativas.

O MUŞIN — MUSEU DA MÚSICA INDEPENDENTE

São mais de 50 mil itens — entre CDs, LPs, fitas K7, fotos, filipetas, releases, fanzines, ingressos e adesivos de artistas paranaenses, cartazes e panfletos de eventos culturais realizados em Curitiba, diversos livros sobre cultura e assuntos afins, além de um vasto acervo de autores paranaenses. Sediado numa sala comercial no edifício Tijucas, que também serve de loft, tem um microbanheiro, uma minúscula cozinha e uma cama suspensa. Numa das paredes do MUSIN está o contra baixo que pertencia ao jornalista e agitador China Meneghetti (RIP), que, com Edson de Vulcanis, apoiou Manoel Neto nos primeiros anos. “China Meneghetti era um influenciador espiritual, um cara antenado e divulgador de tendências”, explica Manoel.

O MUSIN recebe em média dez pesquisas por ano, entre estudantes de graduação, mestrandos e jornalistas. Um desses trabalhos resultou, em 2004, em *A [des]Construção da música na cultura paranaense*, livro que já serviu de base para mais de cem trabalhos — entre livros, teses, artigos e monografias. Naquele mesmo ano, o pesquisador já havia localizado 7.450 músicas de autores paranaenses. Porém, lamenta que “praticamente nenhum artista residente no Paraná tem distribuição de CDs chegando às lojas de outros estados e nem mesmo às lojas locais”. Hoje o MUSIN tem cerca de 12 mil músicas paranaenses, “mas a gente sabe que existe o triplo, pós *web*”.

Nos anos noventa, Manoel Neto entregava fichas para as bandas preencherem com as principais informações. Mas lamenta que 99% dos músicos não tem consciência histórica e a maioria não guarda materiais de divulgação. “Como





amigo, a relação com eles é boa. Mas como pesquisador, uma merda. O pessoal não colabora, sempre tive que ir à caça dos materiais. Os que colaboram são menos de 10% do total. Isso me gerou muito desgaste. Não imaginava no que eu estava me metendo. Mas agora o acervo está em processo de tombamento pelo Patrimônio Histórico Estadual, porque eles viram que o trabalho é relevante, que não existe nada equivalente sobre a música paranaense. E saímos no Guia Nacional dos Museus. Esse guia é distribuído pelas embaixadas no mundo inteiro. A gente tá tendo uma visibilidade que não imaginava”.

Manoel Neto lamenta que, em Curitiba, tem muito acervo impesquisável, ao citar, entre outros casos, o de um fotógrafo local com mais de 3 mil cromos fotográficos não revelados de bandas locais. “Só para revelar esses cromos custaria mais de dez mil reais”.

Estranhamente, o MUSIN não tem toca-CDs, nem toca-discos, o que impede a audição, seja a título de pesquisa ou simples deleite, das centenas de obras do acervo. Também não possui equipamento para cópia dos CDs. E a intrincada personalidade do seu proprietário impõe alguns obstáculos à manipulação dos materiais gráficos (fotos, fanzines, filipetas etc.).

ATIVISMO POLÍTICO CULTURAL

A atuação política de Manoel Neto tem vários desdobramentos: participou da elaboração de diversas leis relacionadas à cultura, fez um estudo sobre a mudança da Lei Rouanet que integrou a CPI do ECAD e elaborou uma ampla análise sobre economia política da música, que demonstra como e por que a música pop chegou ao seu atual estágio de indigência estética. Além de prestar consultoria e apoiar diversos movimentos sociais. Manoel afirma



Sede do MUSIN, na Galeria Tijuca

que sempre foi de oposição ao pessoal da Fundação Cultural de Curitiba e chegou a denunciar casos de corrupção a um procurador do município. “A cúpula da Fundação me dificultou a vida a rodo no passado. Perseguição escancarada e maldosa. Fizeram isso como todos os pesquisadores, com todo mundo que tinha opinião, nos últimos vinte anos. Os funcionários, ao contrário, são boníssimos”.

Quanto aos bastidores da indústria cultural mundial, Manoel Neto é alarmista:

Você cai no meio de uma situação e percebe algo que só viu antes em teorias clássicas. Então começa a entender. Você descobre que um congressista norte-americano que participa da comissão de regulamentações é também lobista das gravadoras. A gente descobre que o cara tá na lista do Bilderberg Group, conjunto de pessoas que mandam no mundo. Existem 110 instituições equivalentes ao ECAD em todo o mundo, 110 organizações irmãs, amarradas em tratados internacionais, que pagam cursos de capacitação em direitos autorais para advogados, os quais entram nos conselhos profissionais de seus países e determinam a política sobre direito autoral. Ou seja, há uma máquina internacional que trabalha com a indústria do entretenimento e tem capacidade de interferência na política de todos os países. Então o ECAD não é o problema, o problema é a CISAC, a IFPI, que são as organizações lobistas internacionais. Cara, é uma máquina de guerra que eu chamo de Leviatã, aquele monstro bíblico.

Ao longo das últimas décadas, ele já recebeu dezenas de intimidações, de ‘cala a boca’ a ameaça de morte, inclusive presencialmente, de produtores, gente ligada a políticos, até de um músico ligado a sociedades de autores dos esquemas do ECAD. “A informação mexe no bolso dos grupos corporativos, mexe na verdade, nas regras e no esquema de lucros deles, que normalmente é baseado em fraude, cartel, propina”.